

O aviso do Rio Doce

AD 13883

Fevereiro de 1979. A vazão máxima histórica registrada no Rio Doce, de 6 mil metros cúbicos por segundo, foi atingida. As comportas da Hidrelétrica de Mascarenhas são dimensionadas para descarregar o dobro dessa vazão, ou 12 mil m³/s. A vazão chegou a 7 mil, 8 mil e alcançou cerca de 12 mil m³/s. Sob a coordenação do ilustre engenheiro Roberto Haig, que lamentavelmente nos deixou em dezembro último, a Escelsa projetava as vazões com base nos dados do Rio Doce em Minas e no tempo em que as águas atingiriam o Espírito Santo.

Percebeu-se que a cheia traria enormes prejuízos às cidades ribeirinhas, principalmente Colatina. As autoridades estaduais foram avisadas com antecedência, mas por algum motivo o alerta à população e aos comerciantes (do centro de Colatina) não foi efetivado. Talvez não tivessem acreditado nas projeções...

A grande cheia despertou posteriormente uma série de estudos e a criação de grupos de trabalho em áreas de governos. O leito do Rio Doce em sua parte alta é caracterizado por calhas e os transbordamentos ocorrem na sua parte baixa. Diversas medidas foram alinhadas. Entre elas, promover o reflorestamento ciliar. As margens devastadas favorecem o assoreamento. Outra medida seria a implantação de barragens de contenção nas margens, em cidades ribeirinhas.

Depois de 31 anos as medidas, ao que parece, não foram implementadas. A capacidade predatória do homem é insuperável.

Quando se permite a especulação imobiliária, agravando demandas infraestruturais, a poluição das águas por esgotos, do ar pelo minério de ferro, do solo pelo lixo, as pessoas podem pensar que se tratam de ações isoladas e sem maiores repercussões.

Mas, infelizmente, isso acontece em todas as cidades, em todos os Estados, em todos os países e em todos os continentes. A destruição do planeta prossegue avassaladora e a natureza vem nos advertindo seguidamente. São Paulo, a cidade mais rica do Estado mais rico ficou refém das chuvas neste verão. É uma cidade cortada por dois rios constituídos por dejetos. O trânsito convive com permanentes e enormes engarrafamentos. Seu gigantismo e seus avanços culturais e econômicos não são suficientes para assegurar conquistas rudimentares de qualidade de vida. São as amarras do Terceiro Mundo...

As alterações climáticas assustam o mundo todo. Desastres se sucedem. São fatos que inevitavelmente nos despertam para o alerta do Rio Doce que afligiu o Estado em 1979. As comunidades de Colatina e Linhares, principalmente, deveriam mobilizar-se e liderar a retomada das medidas de prevenção contra as cheias. As variações caóticas do clima, as características e o assoreamento do leito do rio são componentes preocupantes para as comunidades das margens do Rio Doce. É preciso recorrer ao ditado popular: é melhor prevenir que remediar.

•• Mario Petrocchi é engenheiro e consultor.